

NOMINALIZAÇÃO EM PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE MORFOSSEMÂNTICA DO AFIXO –URA

Ana Carolina Mrad de M. Valente (Mestranda em Língua Portuguesa, UFRJ)

anacmrad@gmail.com

RESUMO: Pretendemos, com este artigo, fazer uma análise morfossemântica do sufixo nominalizador -ura em português, verificável em palavras como *ternura*, *loucura*, *assinatura* e *lonjura*. Para tanto, temos por objetivo revisitar desde a tradição gramatical à literatura morfológica de cunho derivacional, visando verificar como o afixo em questão é tratado por esses autores. Já no que diz respeito à análise semântica proposta, usaremos a Linguística Cognitiva (doravante LC) como aporte teórico, propondo redes radiais para a análise do espreadimento semântico, assim como proposto por Lakoff (1987). Segundo o autor, haveria um sentido mais prototípico que se espalharia metafórica ou metonimicamente para sentidos menos prototípicos, sendo essa teoria facilmente aplicável à descrição morfológica, como vem sendo feito por alguns estudiosos (GONÇALVES E ALMEIDA, 2008; CASTRO DA SILVA *et alii*, 2009). No mais, buscaremos demonstrar que a morfologia e a semântica não são partes estanques da gramática, já que atuam conjuntamente nos processos de formação de palavras.

Palavras-chave: nominalização, análise morfossemântica, estudo do léxico.

1. O que dizem as gramáticas?

Partindo para a descrição do processo de acordo com o que dizem as gramáticas tradicionais (CUNHA & CINTRA, 2007; BECHARA, 2009; LUFT, 1990), pudemos constatar que o afixo não possui grande espaço para descrição nesses compêndios, pois os mesmos somente o citam como sufixo formador de substantivos a partir de verbos e adjetivos, sem dizer qual seria a sua acepção ou fazer qualquer outra análise que o distinguísse de outros afixos nominalizadores como -ção, -mento, -oso. O único gramático que dá um destaque maior ao afixo é Rocha Lima (2008), pois aponta para a existência de afixos diferentes na nominalização a partir de nomes, e na nominalização a partir de adjetivos. Segundo o autor, quando esse processo tiver por base um verbo, os afixos utilizados serão -tura, -dura e -sura, como em *assadura*, *assinatura*, *clausura*. No entanto, quando a base for adjetival, o afixo a ser acessado será o -ura como em *amargura*, *ternura* e *loucura*.

Na *Gramática do Latim Vulgar*, Maurer Jr (1959) revela que, no Latim Clássico, -ura formava nomes tão somente a partir de bases do particípio, como *censura*, *scriptura*. É uma inovação do latim vulgar a formação de nomes com bases adjetivas, que se disseminou para as línguas românicas como o português (*verdura*), o espanhol (*verdura*), o francês antigo (*verdure*), o italiano (*verdura*) e o provençal (*verdura*).

2. E como a literatura derivacional aborda o afixo -ura?

Em pesquisas linguísticas, não encontramos maiores informações sobre o afixo. Sandmann (1988) ressalta que o sufixo -ura parece não ser mais produtivo em português, embora afirme que nem sempre foi assim, citando uma formação recente, *laqueadura*. Já o trabalho de Coelho (2008), por sua vez, descreve o processo de

nominalização em português através do sufixo -ura. Contudo, a autora limita-se a falar sobre a morfologia categorial, explicar em que consiste essa linha de análise e tratar sobre os critérios para exclusão de vocábulos do *corpus*. No entanto, ainda assim, Coelho levanta uma questão importante sobre o afixo em questão e que pretendemos solucionar neste ensaio que é a se o -ura é um caso de afixo polissêmico ou homônimo.

Além disso, a autora ainda discorre sobre as palavras-base da nominalização por intermédio desse afixo, afirmando serem elas adjetivas ou participais, sendo esta última explicada pela autora a partir de dois motivos. O primeiro deles é o fato de o adjetivo e o particípio terem características distintas e poderem, apesar de serem vistos como tais, ser analisados sob o mesmo rótulo. O segundo motivo diz respeito à permanência da vogal temática em alguns casos e falta dela em outros, o que pode ser explicado a partir da ideia de que esse afixo se une a bases participiais, sejam elas regulares ou irregular como é o caso de *andadura* que mantém a vogal temática, visto que o afixo se anexa ao particípio regular do verbo *andar*; e *fritura*, que não apresenta a vogal temática em sua forma por derivar do particípio irregular *frito*. Portanto, caso entendêssemos que esse sufixo se une a bases verbais, teríamos que encontrar explicações para a presença ou ausência desse elemento, além de ter que interpretar o /d/, por exemplo, como uma consoante de ligação ou parte de um novo afixo, o que não seria nada econômico. Assim, quanto ao segundo questionamento levantado pela autora e citado acima, Coelho afirma serem três diferentes formas fonológicas para um mesmo afixo, contradizendo-se, portanto, já que a mesma considerava as bases ligadas a esse afixo participais. Sendo assim, ao considerar que -ura se une a particípios verbais, está se considerando que os elementos /t/ e /d/ fazem parte do radical e, desta forma, não podem ser considerados como diferentes formas fonológicas de um mesmo sufixo.

Com base no levantamento do *corpus* nos dicionários eletrônicos realizado para este artigo, pudemos perceber que a grande maioria das bases que sofreram o processo de nominalização por intermédio do -ura são participiais e, quando os derivados eram advindos diretamente do latim, ainda se mantinha a relação de se anexar este afixo a uma base de caráter adjetivo. Como exemplo, podemos citar *abreviatura* que é uma palavra originalmente latina. Nesse caso, por exemplo, a nominalização ocorreu ainda na língua de origem e foi realizada a partir da anexação do afixo -ura ao particípio passado do verbo *abbreviare*. Esse fato, portanto, nos remete à visão de Lemle & França (2003) acerca desse afixo. Segundo as autoras, a nominalização a partir desse afixo anexado a bases participiais, é explicada a partir da premissa de que no latim isso já ocorria e o português manteve essa relação e padrão de formação. O mesmo acontece com muitos empréstimos linguísticos, já que, no português, existem inúmeros vocábulos advindos de outras línguas e que sofreram o processo de nominalização nas suas línguas de origem como é o caso de *desenvoltura* (do italiano *desenvolture*) e *brochura* (do francês *brochure*). Isso se deve ao fato de ambas as línguas serem de origem latina e também manterem esse afixo para fins lexicais na língua.

Rio-Torto (2005) aponta para o fato de este afixo selecionar, preferencialmente, adjetivos com origem em particípios passados, sejam eles regulares ou não, preservando, assim, os segmentos /t/ e /d/ nos seus radicais.

Portanto, podemos constatar que, embora pouco se fale sobre esse afixo e o número de estudos mais voltados para essa análise seja escasso, algumas questões são levantadas e resolvidas de diferentes formas, a depender do ponto de vista adotado por cada autor.

3. Análise dos grupos de afinidades

Partindo destas leituras iniciais, pudemos verificar que pouco se sabe sobre o afixo -ura e, por isso, buscamos analisá-lo de forma mais detalhada, de modo a auxiliar na descrição morfológica dos afixos do português. Para tanto, iniciamos uma análise semântica aliada a uma análise morfológica com base na teoria lexical de Basílio (1987).

Ao analisarmos o *corpus* delimitado para este artigo, pudemos perceber que as palavras se dividiam de acordo com quatro grupos de afinidades semânticas, sendo eles o de *designação* (abotoadura, fechadura), *ato / efeito* (cerzidura), *propriedade* (belezura, bravura) e *excesso* (fartura, lonjura). No entanto, conforme classificávamos os vocábulos de acordo com esses quatro grupos de afinidades, pudemos perceber que muitos deles poderiam se encaixar em dois grupos e que os mesmos mantinham, na maioria das vezes, uma relação de afinidade e compartilhamento de características, sendo, por vezes, difícil classificar os vocábulos como, por exemplo, os casos de *assadura* e *loucura*. O primeiro poderia ser classificado como fazendo parte do grupo *ato/efeito*, por se referir ao ato de assar alguma coisa, porém, em contrapartida, também poderia se encaixar no grupo *designação*, por se referir à inflamação cutânea por atrito ou calor. Já a palavra *loucura* pode se encaixar tanto no grupo *propriedade* quanto no *excesso*, pois indica a propriedade do que é louco e tem acepção de excesso, pois remete ao fato de algo ou alguém estar em estágio máximo de loucura, ser louco em excesso.

Portanto, na presente seção, faremos uma análise mais detalhada de cada um desses grupos a fim de demonstrar suas características e atestar a sua produtividade ou improdutividade. Para dar conta de uma descrição estrutural dos dados, utilizaremos Regras de Formação de Palavras (RFP) e Regras de Análise Estrutural (RAE), nos

moldes de Basílio (1980). De acordo com a autora, a RAE é uma regra de caráter interpretativo, ou seja, o falante é capaz de interpretar e analisar determinada estrutura na língua, tendo acesso, portanto, ao *output* de determinada estrutura. Assim, o falante é capaz de perceber que *formosura* é um substantivo formado a partir da anexação do sufixo -ura ao adjetivo *formoso*, já que esta estrutura faz parte do conhecimento internalizado do falante.

A RFP, por sua vez, possui caráter produtivo e permite ao falante produzir novos vocábulos na língua. Desta forma, toda RFP está associada a uma RAE, porque o falante reconhece determinada estrutura e forma novos vocábulos, mas nem toda RAE está associada a uma RFP, pois determinada estrutura pode não ser produtiva morfológicamente na língua. Dito de outra maneira, o falante reconhece a estrutura do vocábulo, mas não forma novo léxico a partir dele. Portanto, essa estrutura teria apenas a RAE e não uma RFP.

3.1. Grupo Ato / efeito

O afixo -ura quando anexado a bases participiais que mantenham uma ligação maior com o verbo do qual são flexionadas, terá como *output* substantivos que indiquem a paráfrase “ato ou efeito do que é descrito pela base”. Foram destacados oito vocábulos como pertencentes a esse grupo, sendo eles *abertura*, *assadura*, *desenvoltura*, *fervura*, *soltura*, *tecitura*, *tortura* e *varredura*. Como exemplo dessa paráfrase, podemos citar *tortura* e *soltura* que são, respectivamente, o ato ou o efeito de torturar e de soltar.

Com base na análise de produtividade, podemos afirmar que esse afixo se torna improdutivo quando tem por acepção *ato/efeito*, visto que os oito vocábulos

encontrados foram descritos como sendo formados nos séculos XIII, XIV e XV, séculos em que apareceram os primeiros textos em português. Portanto, o fato de não haver ocorrência de vocábulos neste grupo nos séculos seguintes, faz com que o consideremos improdutivo na formação de novas palavras em português.

Sendo assim, a RAE desse grupo seria a descrita em (1)

(1) [[X]_{p,p} ura]_s

“ato ou efeito de X”

Não se pode formular, portanto, uma RFP devido à improdutividade do afixo na construção descrita acima, já que o falante não forma novo léxico a partir deste afixo com essa acepção. No entanto, podemos formular uma RAE, pois o falante é capaz de analisar a estrutura dessas palavras como sendo a anexação do sufixo -ura a um particípio verbal.

3.2. Grupo Designação

O sufixo -ura, quando indica designação, pode ser parafraseado como “o resultado de X” como em *assinatura*, *queimadura* e *rachadura* que são, respectivamente, o resultado de assinar, queimar e rachar. Nesse grupo, o afixo se une a bases participiais para formar substantivos como é o caso dos exemplos abaixo:

Abotoadura

Ferradura

Assinatura

Fritura

Dentadura

Queimadura

Fechadura

Rachadura

Apesar do grande número de vocábulos, o afixo -ura com essa acepção não é produtivo na língua, pois a maioria dos dados é registrada como tendo entrado no português nos primeiros séculos de língua escrita e, os mais recentes, datam do século XVIII, o que não pode ser chamado de contemporâneo. Além disso, esse afixo concorre com outros mais usuais no português como é o caso do -mento, por exemplo, que tem a função de designação também como em *casamento*. Por esse motivo, podemos dizer que, atualmente o afixo -ura não forma nomes cuja acepção seja a de designação em português.

Portanto, podemos formular a seguinte RAE para esse grupo semântico:

(2) [[X]_{p,p} ura]_s

“resultado de X”

A RAE apresentada em (2) representa a estrutura da nominalização em -ura com essa acepção. No entanto, por não ser produtivo, esse grupo semântico não permite que se formule uma RFP, já que o falante não produz novo vocabulário a partir dessa construção quando com esse sentido.

3.3. Grupo Propriedades

O sufixo -ura indicador de propriedades pode ser parafraseado como “o que possui aquilo que está especificado na base”. As formações desse grupo têm por característica o fato de terem por *input* adjetivos e *outputs* substantivos abstratos como nos exemplos abaixo:

Altura

Brancura

Amargura

Doçura

Estatura

Grossura

Formosura

Tontura

Dos vinte e dois dados desse grupo, somente um é formado a partir de um substantivo abstrato, sendo este o mais recente dos vocábulos formados por esse afixo. No entanto, não se faz necessária a formulação de outra RFP para este caso, visto que existe uma relação muito próxima entre os adjetivos e os substantivos abstratos indicadores de propriedades, como é o caso de *belezura*. Este possui entrada na língua a partir do século XX, conforme atestado pelo dicionário Houaiss, o que indica a produtividade desse afixo para formar substantivos indicadores de propriedades no português. Dessa forma, a RFP deste grupo é apresentada em (2):

$$(3) \quad [X]_{\text{adj}} \rightarrow [[X]_{\text{adj}} \text{ura}]_s$$

“propriedade de X”

3.4. Grupo Excesso

O último grupo de afinidades abarca os vocábulos que têm por acepção o excesso do que é especificado pela base e têm por *input* adjetivos e por *outputs* substantivos abstratos. Como exemplo desse grupo, temos:

Chatura

Gostosura

Fartura

Lonjura

Feiura

Quentura

Fofura

Secura

Em todos os casos, o carácter excessivo é expresso pelo afixo como em *quentura* que pode ser parafraseado como “quente em excesso”, *feiura* que significa “feio em excesso” e *chatura* que tem por paráfrase “chato em excesso”. O grupo se mostra muito produtivo por apresentar vocábulos formados no século XX como *feiura* e *gostosura* e por apresentar um *input* diferente, como é o caso de *lonjura*, que deriva do advérbio *longe*. Esse último fato demonstra a produtividade do afixo para formar nomes com acepção de excesso, pois o faz anexado a outras bases que não as prototípicas. Portanto, a RFP desse grupo de afinidade é a demonstrada em (4):

$$(4) \quad [X]_{\text{adj}} \rightarrow [[X]_{\text{adj}} \text{ura}]_s$$

“X em excesso”

É possível formular uma RFP para essa construção, devido à sua alta produtividade na língua portuguesa como exemplificado acima.

4. Estruturas radiais: o embasamento cognitivo

Para apresentar mais um indício de que estruturas participiais com -ura, um resquício do latim, deixaram de produzir novas palavras na língua, enquanto as bases adjetivas ainda servem de *input* para o processo de nominalização referido, proporemos estruturas radiais, cunhadas por Lakoff (1987).

No constructo teórico da LC, a mudança diacrônica por que passa estruturas da língua pode estar envolvida com fatores semânticos, que permeiam nossas conceptualizações, além de pragmáticos (SWEETSER, 1990). Nesses casos de mudança semântica, costumeiramente, o significado primário de uma forma mantém com suas extensões um vínculo, o que caracteriza um estágio polissêmico. Sweetser chama

atenção ainda para o fato de haver regularidade nesses mapeamentos de sentido, já que esses são motivados por operações cognitivas fundamentais. Dessa forma, a atuação da metáfora ajuda a explicar como sentidos tão distantes semântica e historicamente podem estar relacionados.

Com base nos grupos de afinidades observados anteriormente, pretendemos demonstrar, na Figura 1, como o mapeamento cognitivo de múltiplos sentidos relacionados pode ser mais corroborar a nossa hipótese.

O protótipo das formações em X-ura seria o grupo *ato/ efeito*, que tem palavras como *varredura* e *semeadura*. Tanto dicionários consultados quanto as gramáticas apresentam o significado primário de -ura como *ação ou efeito daquilo que é expresso pela base*. Além disso, como já foi dito, esse grupo não apresenta novos itens lexicais.

A extensão de sentido seria para o grupo designação, que abarca formas como *fechadura*, *queimadura*, *rachadura* e *sepultura*, por exemplo. Na rede radial, a seta foi representada com linhas tracejada, pois haveria um caminho de mão-dupla: algumas palavras poderiam intercambiar entre os dois grupos, apresentado mais de uma possibilidade de sentido, i.e., seriam polissêmicas, conforme exemplificado em seção precedente. É o caso de *assadura*, que tanto pode significar *ação ou efeito de assar* ou *inflamação na pele*, ou *abertura*, que significa *a ação de abrir*, *buraco*, *início de show*, *programa televisivo* etc. A metáfora conceitual (LAKOFF & JOHNSON, 2002) que licenciaria a extensão semântica é DESIGNAR É AGIR, pois, já que a LC é uma ciência não-modular, que credita o caráter relacional da linguagem ao modo como agimos e nos relacionamos com o meio, podemos compreender o ato de nomear uma entidade do mundo como uma interação no meio.

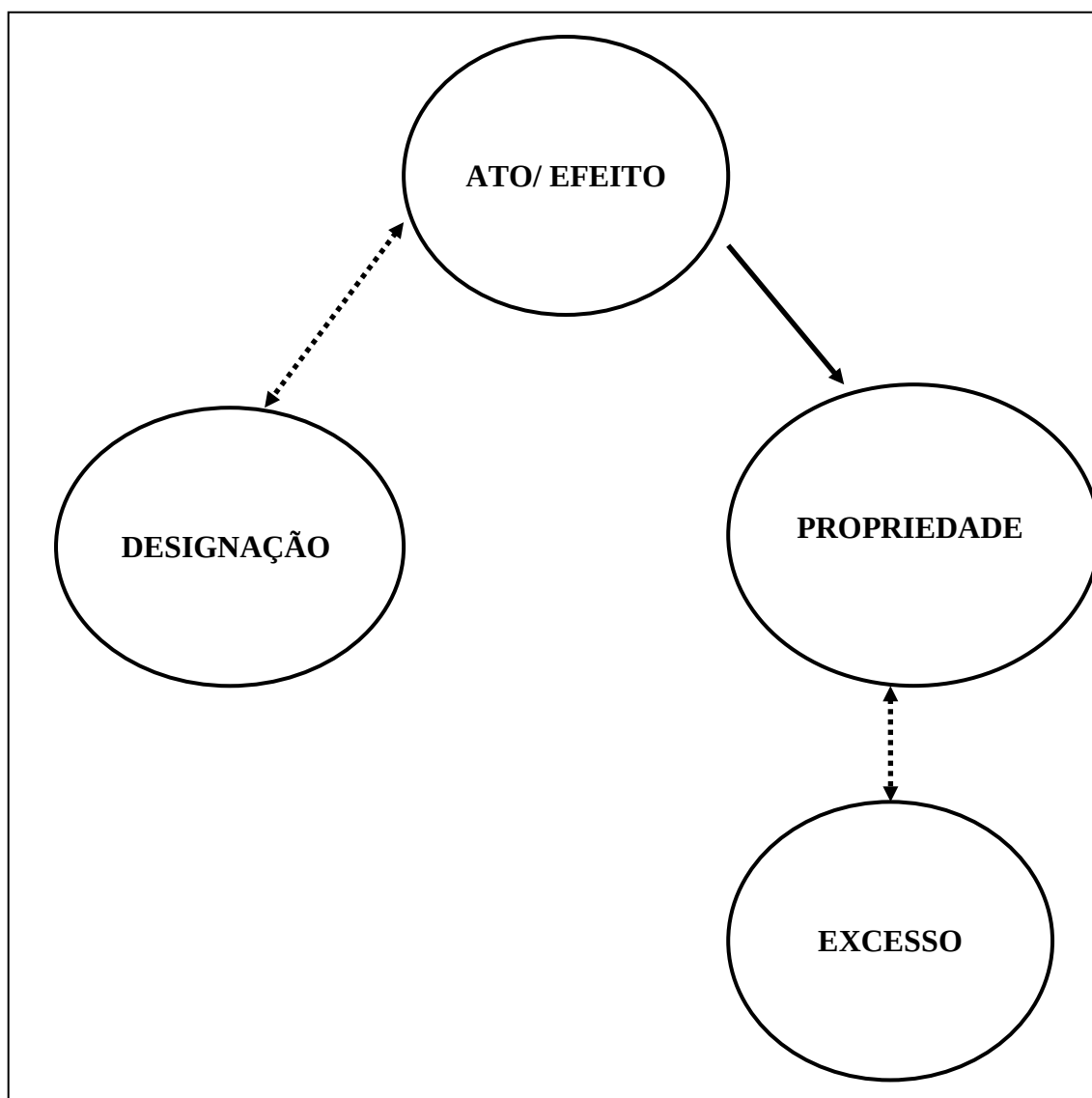


Figura 1: rede radial de -ura

Do grupo *ato/ efeito* também pode haver extensão de sentido para *propriedade*, que tem palavras como *grossura*, *espessura* e *formosura*. Este é um dos grupos mais produtivos, tendo inclusive se especializado quanto à categoria da base, visto que formou um substantivo a partir de outro substantivo no século XX (*belezura*). A metáfora que permitiria o espriamento de sentido seria QUALIFICAR É AGIR. Na esteira da metáfora DESIGNAR É AGIR, se, ao nomearmos uma entidade, estamos

agindo no mundo, ao atribuímos uma qualidade a uma entidade também estamos nos relacionando com o meio.

Numa posição mais periférica, encontra-se o grupo *excesso*, que se espraia do grupo *propriedade* motivado pela metáfora TEM MUITO X, É X. Percebemos que grande parte das palavras desse grupo mantém com o grupo *propriedade* uma estreita relação de conteúdo. Um exemplo bastante claro é o de *frescura* exposto nas frases em (5), (6) e (7), estas últimas retiradas de uma propaganda de cerveja.

(5) A frescura das madames incomoda as empregadas domésticas.

(6) Deixa de frescura!

(7)



Em (5), o substantivo *frescura* se enquadra no grupo *propriedade*, significando o *comportamento de ser fresco*, enquanto que nos exemplos em (6) e (7), no grupo *excesso*, já indicam *muito fresco* ou *fresco em excesso*.

É interessante notar que a disposição dos grupos de afinidades na rede radial reflete a mudança diacrônica pela qual passou o sufixo -ura. O grupo *ato/ efeito*, que se comporta como o protótipo, era bastante produtivo em latim, mas não no português. O grupo mais periférico dessa rede, *excesso*, parece apresentar as palavras mais recorrentes em português contemporâneo e as mais recentes, também. Dois exemplos disso são os vocábulos *feiura* e *gostosura*, que foram registrados somente no século XX.

5. Considerações finais

Assim, esperamos ter apresentado algumas evidências, através análise formal do processo por intermédio da teoria lexical de Basílio (1980) aliada à análise semântica de base cognitiva, de que formas X-ura no português contemporâneo são produtivas com bases de categoria adjetival e não mais com bases participiais. De acordo com esse estudo, pudemos demonstrar que esses casos de bases participiais constituem fósseis linguísticos e devem ser analisados por regras de análise estrutural, além de o mapeamento das redes ajudar a explicar a mudança histórica pela qual passou o sufixo em questão, o que mostra a relevância da associação entre forma e conteúdo postulada no âmbito do cognitivismo.

ABSTRACT: In this article, we analyze nominalizations with the suffix -ura in Brazilian Portuguese, such as in tenderness, madness, signature and remoteness, for instance. For this purpose, we review the literature from studies within the grammar tradition to studies of derivation within morphological studies. The objective is to examine how authors look at these nominalizations along time. To analyze semantic aspects of these nominalizations, we resort to Cognitive Linguistics (henceforth CL),

proposing that their meanings expand as in a radial network. According to LAKOFF (1987), radial categories expand from a more prototypical meaning, metaphorically or metonymically, to a less prototypical meaning. In addition, some authors (GONÇALVES e ALMEIDA, 2008; CASTRO DA SILVA *et alii*, 2009) show that this theory can efficiently be applied to morphological description. By applying it, we demonstrate that morphology and semantics are not completely distinct parts of grammar; rather, they work together in word formation processes.

Keywords: nominalization, morphosemantic and lexical study

Referências Bibliográficas

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico, prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967.

CASTRO DA SILVA, Caio Cesar; VALENTE, Ana Carolina Mrad de Moura; GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. “Percurso histórico das formações parassintéticas a-X-ecer e e/n/-X-ecer: produtividade e polissemia”. In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de M. L. L. de *et alii*. *Linguística Cognitiva em Foco: Morfologia e Semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

COELHO, Livy Maria Real. "UMA ANÁLISE DO SUFIXO – URA COM BASE NA MORFOLOGIA CATEGORIAL". In: *Intertexto*. Uberaba: UFTM, 1998.

CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Eletrônico versão 5.12*. Curitiba: Positivo Informática, 2004.

GONÇALVES, Carlos Alexandre & ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. de. “Das relações entre forma e conteúdo nas estruturas morfológicas do português”. In: *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 4, p. 27-55, 2008.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Ed. Objetiva: 2001.

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____ & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

FRANÇA, Aniela Improtta & LEMLE, Miriam. “Arbitrariedade Saussureana em foco”. In: *Revista Letras*, n. 69. CURITIBA: EDITORA UFPR, 2006.

LE MOS DE SOUZA, Janderson Luiz. *A distribuição semântica dos substantivos deverbais em -ção e -mento no português do Brasil: uma abordagem cognitiva*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2010.

LUFT, Celso Pedro. *Novo Manual de Português, gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes*. 8. ed., São Paulo: Editora Globo, 1990.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

RIO-TORTO, "Organização de redes estruturais em morfologia". Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4561.pdf>.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor: Ícone, 1988.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.